

As flores da pequena Ida

Hans Christian Andersen

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

— Minhas pobres flores estão completamente mortas! — disse a pequena Ida.

— Estavam tão bonitas ontem à noite, e agora todas as folhas pendem murchas! Por que fazem isso? — perguntou ao estudante que estava sentado no sofá. Ela gostava tanto dele: ele sabia as histórias mais lindas e recortava figuras tão divertidas! Corações com pequenas senhoras dançando dentro deles; flores e grandes castelos cujas portas podiam ser abertas. Era um estudante alegre! — Por que as flores estão tão mal hoje? — perguntou de novo, mostrando-lhe um buquê inteiro, completamente murcho.

— Sabe o que elas têm? — disse o estudante. — As flores foram a um baile esta noite, e por isso estão de cabeça caída!

— Mas flores não podem dançar! — disse a pequena Ida.

— Podem, sim — disse o estudante. — Quando escurece e todos nós dormimos, elas saltam alegremente de um lado para o outro. Quase toda santa noite têm um baile!

— Nenhuma criança pode ir a esse baile?

— Pode, sim — disse o estudante. — Margaridinhas bem pequeninas e lírios-do-vale!

— Onde dançam as flores mais bonitas? — perguntou a pequena Ida.

— Você não costuma passar pelo portão da cidade e ir até o grande palácio onde o rei mora no verão, onde fica aquele lindo jardim com tantas flores? Já viu os cisnes que nadam até você quando quer lhes dar migalhas de pão. Pois lá há um baile de verdade, pode acreditar!

— Estive lá no jardim ontem com minha mãe! — disse Ida. — Mas todas as folhas tinham caído das árvores, e já não havia flor nenhuma! Onde estão? No verão vi tantas!

— Estão dentro do palácio! — disse o estudante. — Você precisa saber que, assim que o rei e toda a corte se mudam para cá, para a cidade, as flores correm do jardim para o palácio e se divertem. Você devia ver! As duas rosas mais bonitas se sentam no trono e são rei e rainha. Todas as cristas-de-galo vermelhas se põem ao lado delas e ficam fazendo reverências: são os gentis-homens da câmara. Então chegam todas as flores mais lindas, e há um grande baile. As violetas azuis representam pequenos cadetes da marinha e dançam com jacintos e crócus, a quem chamam de senhoritas! As tulipas e os grandes lírios amarelos são senhoras idosas: cuidam para que se dance direito e para que tudo corra bem!

— Mas — perguntou a pequena Ida — ninguém faz nada às flores por dançarem no palácio do rei?

— Ninguém sabe disso direito! — disse o estudante. — Às vezes, de noite, é verdade que vem o velho administrador do palácio, que deve tomar conta de lá. Traz um grande molho de chaves, mas, assim que as flores ouvem o tilintar das chaves, ficam bem quietinhas, escondem-se atrás das cortinas compridas e põem a cabeça para fora. “Sinto pelo cheiro que há flores aqui dentro”, diz o velho administrador, mas não consegue vê-las.

— Que divertido! — disse a pequena Ida, batendo palmas. — Mas eu também não conseguiria ver as flores?

— Conseguiria, sim — disse o estudante. — Quando voltar lá, lembre-se de espiar pela janela, e vai vê-las, com certeza. Foi o que fiz hoje. Havia um narciso amarelo e comprido deitado no sofá, espreguiçando-se: era uma dama da corte!

— As flores do jardim botânico também podem ir até lá? Conseguem percorrer esse caminho tão comprido?

— Ah, pode acreditar que sim! — disse o estudante. — Pois, quando querem, podem voar. Você já viu aquelas lindas borboletas, vermelhas, amarelas e brancas, que quase parecem flores? Pois elas também já foram flores. Saltaram de seus caules bem alto no ar e bateram as pétalas como se fossem asinhas, e então voaram. Como se comportaram tão bem, receberam permissão para voar também de dia, sem precisar voltar para casa e ficar quietinhas no caule. Por fim, as pétalas se tornaram asas de verdade. Isso você mesma já viu! Mas pode ser que as flores do jardim botânico nunca tenham ido ao palácio do rei, nem saibam como é divertido lá à noite. Por isso vou lhe dizer uma coisa! Ele vai ficar tão espantado, o professor de botânica que mora ao lado; você o conhece, não é? Quando entrar no jardim dele, conte a uma das flores que há um grande baile no palácio. Ela contará a todas as outras, e elas sairão voando. Então, quando o professor for ao jardim, não haverá uma flor sequer, e ele não conseguirá entender onde foram parar.

— Mas como a flor pode contar às outras? Flores não sabem falar!

— Não, isso é verdade! — respondeu o estudante. — Mas fazem mímica! Você já viu como, quando venta um pouco, as flores acenam com a cabeça e mexem todas as folhas verdes? É tão claro como se falassem!

— Então o professor entende mímica? — perguntou Ida.

— Ah, pode acreditar que sim! Certa manhã, ele foi ao jardim e viu uma grande urtiga fazendo mímica com as folhas para um lindo cravo vermelho. Ela dizia: “Você é tão bonito, e eu gosto tanto de você!” Mas o professor não gosta nada dessas coisas e logo bateu nas folhas da urtiga, pois são os dedos dela. Só que se queimou, e desde então nunca mais se atreve a tocar numa urtiga.

— Que engraçado! — disse a pequena Ida, rindo.

— Que ideia, meter essas coisas na cabeça da criança! — disse o enfadonho conselheiro da chancelaria, que tinha vindo fazer uma visita e estava sentado no sofá. Ele não gostava nada do estudante e sempre resmungava quando o via recortando aquelas figuras estranhas e divertidas: ora um homem pendurado numa forca, com um coração na mão, pois era um ladrão de corações; ora uma velha bruxa montada numa vassoura, com o marido em cima do nariz. O conselheiro da chancelaria não gostava disso e dizia, como agora: — Que ideia, meter essas coisas na cabeça da criança! É essa fantasia tola!

Mas a pequena Ida achava tão divertido o que o estudante contava sobre suas flores, e pensava tanto naquilo! As flores estavam de cabeça caída porque tinham dançado a noite inteira e estavam cansadas; certamente estavam doentes. Então ela as levou até seus outros brinquedos, que ficavam numa mesinha bonita, com a gaveta inteira cheia de coisas lindas. Sua boneca, Sophie, estava deitada na cama de boneca, dormindo, mas a pequena Ida lhe disse: — Você precisa mesmo se levantar, Sophie, e se contentar em dormir na gaveta esta noite. As pobres flores estão doentes e precisam ficar na sua cama; talvez assim melhorem! — E tirou a boneca da cama, mas ela ficou com

uma cara tão emburrada e não disse uma só palavra, pois estava zangada por não poder ficar com sua cama.

Ida deitou as flores na cama de boneca, puxou o cobertorzinho até cobri-las bem e disse que agora deviam ficar quietinhas; ela ferveria água para lhes fazer chá, para que melhorassem e pudessem se levantar no dia seguinte. E fechou bem as cortinas da caminha, para que o sol não lhes batesse nos olhos.

Durante toda a noitinha, ela não conseguia parar de pensar no que o estudante lhe contara. Quando chegou sua vez de ir para a cama, primeiro teve de ir atrás das cortinas das janelas, onde ficavam as lindas flores de sua mãe, jacintos e tulipas, e sussurrou bem baixinho: — Sei muito bem que vocês vão ao baile esta noite! — Mas as flores fingiram não entender nada e não mexeram uma folha sequer. A pequena Ida, porém, sabia o que sabia.

Quando se deitou, passou muito tempo pensando em como seria lindo ver as belas flores dançando lá no palácio do rei. “Será que minhas flores também foram?” Mas então adormeceu. No meio da noite, acordou de novo. Tinha sonhado com as flores e com o estudante, a quem o conselheiro da chancelaria ralhava, dizendo que queria meter coisas na cabeça dela. Tudo estava muito quieto no quarto onde Ida dormia; a lamparina noturna estava acesa sobre a mesa, e seu pai e sua mãe dormiam.

“Será que minhas flores estão agora na cama de Sophie?”, disse consigo mesma. “Como eu gostaria de saber!” Ergueu-se um pouco e olhou para a porta, que estava entreaberta. Lá dentro estavam as flores e todos os seus brinquedos. Pôs-se a escutar e pareceu-lhe ouvir alguém tocando piano na sala, mas tão baixinho e tão lindamente como nunca tinha ouvido antes.

— Agora todas as flores devem estar dançando lá dentro! — disse ela. — Meu Deus, como eu gostaria de ver! — Mas não se atrevia a levantar, pois

acordaria seu pai e sua mãe. — Se ao menos elas viessem aqui! — disse. Mas as flores não vieram, e a música continuou a tocar tão lindamente que ela não pôde resistir: era bonito demais. Saiu da caminha, foi bem devagar até a porta e espiou dentro da sala. Ah, como era divertido o que viu!

Não havia lamparina nenhuma lá dentro, mas mesmo assim tudo estava bem claro: a lua brilhava pela janela, bem no meio do chão! Era quase como se fosse dia. Todos os jacintos e tulipas estavam no chão, em duas fileiras compridas. Já não havia nenhum na janela: os vasos estavam vazios. Lá no chão, todas as flores dançavam tão lindamente umas em volta das outras, formando uma corrente e segurando-se pelas longas folhas verdes enquanto giravam. Ao piano, porém, estava sentado um grande lírio amarelo, que a pequena Ida certamente tinha visto no verão, pois se lembrava bem de que o estudante dissera: “Nossa, como se parece com a senhorita Line!” Na ocasião, todos tinham rido dele, mas agora Ida também achava que a comprida flor amarela se parecia mesmo com a senhorita. E tocava do mesmo jeito: ora inclinava o rosto amarelo e alongado para um lado, ora para o outro, e marcava com a cabeça o compasso da bela música! Ninguém percebia a presença da pequena Ida. Então ela viu um grande crócus azul saltar bem para o meio da mesa dos brinquedos, ir direto à cama de boneca e afastar as cortinas. Ali estavam as flores doentes, mas elas se levantaram logo e acenaram com a cabeça para as outras lá embaixo, dizendo que também queriam dançar. O velho boneco fumante, que tinha o lábio inferior quebrado, levantou-se e fez uma reverência às belas flores. Elas não pareciam nem um pouco doentes: saltaram para junto das outras e estavam tão contentes!

Pareceu que alguma coisa caía da mesa. Ida olhou para lá: era o ramo de Carnaval que saltava para o chão; ele também achava que fazia parte das flores. Era muito bonito, e no alto havia uma bonequinha de cera com um

chapéu de abas largas na cabeça, igualzinho ao que o conselheiro da chancelaria usava. O ramo de Carnaval saltou para o meio das flores sobre suas três pernas de madeira vermelha e bateu os pés com muita força, pois dançava a mazurca. As outras flores não sabiam dançar aquela dança, porque eram tão leves que não conseguiam bater os pés.

De repente, a boneca de cera no alto do ramo de Carnaval ficou grande e comprida, rodopiou acima das flores de papel e gritou bem alto: — Que ideia, meter essas coisas na cabeça da criança! É essa fantasia tola! — E a boneca de cera ficou exatamente igual ao conselheiro da chancelaria com seu chapéu de abas largas, tão amarelo e resmungão quanto ele. Mas as flores de papel bateram em suas pernas finas, e ele se encolheu de novo e virou uma bonequinha de cera minúscula. Era tão divertido de ver! A pequena Ida não conseguia parar de rir. O ramo de Carnaval continuou dançando, e o conselheiro da chancelaria teve de dançar junto. Não adiantava ficar grande e comprido nem virar a pequena boneca amarela de cera, com seu grande chapéu preto. Então as outras flores intercederam por ele, sobretudo as que tinham ficado na cama de boneca, e o ramo de Carnaval o deixou em paz. Nesse instante, ouviram-se fortes batidas dentro da gaveta onde a boneca Sophie estava deitada com tantos outros brinquedos. O boneco fumante correu até a beirada da mesa, esticou-se de barriga para baixo e conseguiu puxar um pouquinho a gaveta. Sophie se levantou e olhou ao redor, muito espantada. — Parece que há um baile aqui! — disse ela. — Por que ninguém me contou?

— Quer dançar comigo? — perguntou o boneco fumante.

— Ah, você é mesmo um belo par para dançar! — disse ela, dando-lhe as costas. Então se sentou na gaveta, pensando que alguma flor com certeza viria convidá-la, mas nenhuma veio. Tossiu: hum, hum, hum! Mesmo assim não

veio uma sequer. O boneco fumante dançava sozinho, e até que não dançava mal!

Como nenhuma das flores parecia ver Sophie, ela se deixou cair da gaveta direto no chão, fazendo um grande alvoroço. Todas as flores correram para junto dela e perguntaram se não tinha se machucado. Foram tão gentis, sobretudo as que tinham ficado na sua cama! Mas ela não tinha se machucado nada. Todas as flores de Ida lhe agradeceram pela bela cama e gostavam tanto dela que a levaram para o meio do chão, onde a lua brilhava, e dançaram com ela, enquanto todas as outras flores formavam uma roda em volta. Agora Sophie estava satisfeita! E disse que podiam ficar com sua cama; ela não se importava nem um pouco de dormir na gaveta.

Mas as flores disseram: — Muito obrigada, mas não podemos viver tanto tempo! Amanhã estaremos completamente mortas. Diga, porém, à pequena Ida que deve nos enterrar lá no jardim, onde está o canário. Assim cresceremos de novo no verão e ficaremos muito mais bonitas!

— Não, vocês não podem morrer! — disse Sophie, e beijou as flores. Nesse instante, a porta do salão se abriu, e uma multidão de belas flores entrou dançando. Ida não conseguia entender de onde tinham vindo: certamente eram todas as flores do palácio do rei. Bem na frente vinham duas lindas rosas com pequenas coroas de ouro: eram um rei e uma rainha. Depois vieram os mais belos goivos e cravos, cumprimentando para todos os lados. Traziam música consigo: grandes papoulas e peônias sopravam em vagens de ervilha, ficando com o rosto todo vermelho. As campânulas azuis e as pequenas campainhas-de-neve brancas tilintavam como se tivessem guizos. Era uma música divertida. Então vieram muitas outras flores, e todas dançavam: as violetas azuis e as margaridas vermelhas, as margaridinhas e os lírios-do-vale. E todas as flores se beijavam: era lindo de ver!

Por fim, as flores desejaram boa-noite umas às outras. A pequena Ida também voltou de mansinho para a cama, onde sonhou com tudo o que tinha visto.

Quando se levantou na manhã seguinte, foi depressa à mesinha para ver se as flores ainda estavam lá. Afastou a cortina da caminha: sim, lá estavam todas, mas completamente murchas, muito mais do que no dia anterior. Sophie estava deitada na gaveta onde Ida a deixara, com uma cara muito sonolenta.

— Você se lembra do que devia me dizer? — perguntou a pequena Ida. Mas Sophie ficou com uma cara muito tola e não disse uma só palavra.

— Você não é nada boa — disse Ida. — E olhe que todas elas dançaram com você! — Então pegou uma caixinha de papel com lindos pássaros desenhados, abriu-a e pôs dentro as flores mortas. — Este vai ser o lindo caixão de vocês — disse. — E, quando meus primos noruegueses vierem aqui, vão ajudar a enterrá-las no jardim, para que possam crescer no verão e ficar ainda muito mais bonitas!

Os primos noruegueses eram dois meninos animados, chamados Jonas e Adolph. O pai lhes tinha dado dois arcos novos, e eles os tinham trazido para mostrar a Ida. Ela lhes contou sobre as pobres flores que tinham morrido, e eles receberam permissão para enterrá-las. Os dois meninos foram na frente, com os arcos aos ombros, e a pequena Ida atrás, levando as flores mortas na linda caixinha. No jardim, cavaram uma pequena sepultura. Primeiro Ida beijou as flores e depois as pôs na terra com a caixa. Adolph e Jonas atiraram

com seus arcos por cima da sepultura, pois não tinham espingardas nem canhões.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/as-flores-da-pequena-ida>